



*Que tempos
estamos vivendo! De
mágoas, de destempero,
de desespero, de
violência, de morte, de
luto, de dor.*

Estamos vivendo um tempo em que vírus terríveis surgem e vírus terríveis ressurgem.

Um pequeno vírus, imperceptível, dizimou milhões de vidas.

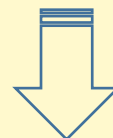
Surgido, inesperadamente, no início de 2020, veio atualizar o drama da gripe espanhola, só que em um tempo em que a aproximação do mundo pelo avanço dos meios de comunicação tornou tudo global e imediato.

De um dia para o outro, pessoas começaram a ser contaminadas, antes que se percebesse a necessidade do uso da máscara para evitar a transmissão. Nem sequer se sabia como essa se dava.

De um dia para o outro, pessoas começaram a ser hospitalizadas e, rapidamente, se percebeu que os hospitais não davam conta e as UTIs eram insuficientes.

De um dia para o outro, ficamos todos isolados em nossas casas na tentativa de evitar a contaminação, e não foram medidas autodeterminadas, mas determinadas pelas autoridades políticas, por recomendação das autoridades de saúde pública, no intuito de proteger suas populações.

O mundo inteiro se isolou. Ninguém mais pôde sair para estudar, trabalhar, para socializar-se, para viver.



Claro que houve efeitos nos relacionamentos, especialmente nos familiares. Em algumas famílias os membros se aproximaram, se redescobriram pela convivência forçada, e os laços se estreitaram.

Os adolescentes que não sabiam o que fazer quando ficavam em casa, descobriram que era possível conviver com os pais e os irmãos, e sentir vontade de ver os avós.

Em outras famílias as consequências foram outras. Alguns casais descobriram que seu casamento não existia, há séculos, que só se mantinham por viverem distantes, no dia a dia, e se separaram. Nunca houve tanta separação quanto no tempo da pandemia.

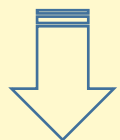
Apareceu uma nova forma de estudar e trabalhar: on line, à distância. Isso, até em profissões em que se imaginava não ser possível. E todos aceitaram. Melhor assim do que nada. E, hoje, muito se pensa se deve ser mantida, ou não. Qual a melhor alternativa?

Apareceu uma nova forma de relacionamento: via internet. E nunca se usou tanto computador e celular para bate-papo com família e amigos, desde crianças até idosos. Quem nada conhecia desse universo, aprendeu a lidar com ele.

O trânsito nas grandes cidades melhorou muito. Claro! Não havia ninguém nas ruas. Em compensação, a economia sofreu um baque e as finanças pessoais e familiares foram bastante afetadas. Não faltaram bancarrotas.

A luta por um bem comum virou meta. E nunca se viram tantos cientistas em tantas partes do mundo, trabalhando simultaneamente, em prol do encontro de uma vacina para combater o mal instalado. E a vacina apareceu em tempo recorde.

E, hoje, mais de dois anos após, a humanidade começa a respirar, aliviada, e a retomar a vida, não sem a consciência das cautelas necessárias, apesar de alguns refratários à experiência e às recomendações.



Mas quantas sequelas deixou esse microscópico vírus! Quantas famílias dizimadas, quantas vidas perdidas em idades tão diferentes!

Começando o mundo a manejar o pequeno vírus e a desembaraçar-se dele, não houve tempo para relaxar. O grande vírus entraria em ação.

Um grande vírus, visível e poderoso vem dizimando irmãos como se fosse uma doença autoimune em que os seus não se reconhecem. E, diferentemente das doenças autoimunes em que o sistema imunológico ataca, por engano, os tecidos saudáveis, no grande vírus atual, um líder poderoso ataca os iguais, não se sabe a razão.

Não se sabe, relativamente, pois se imagina que seja como pais que não admitindo que os filhos cresçam, se tornem autônomos e escolham seus próprios caminhos e amigos, os renegam e atacam.

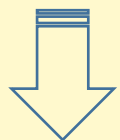
O grande líder russo parece não ter aceitado bem o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, não ter aceitado bem a independência da Ucrânia e, não aceitando que ela tivesse feito suas próprias escolhas, teve seu ressentimento transformado em ódio, e não resistiu: transformou aquela região do mundo em uma praça de guerra sangrenta, dizimando seus irmãos.

E, como o mundo é um grande sistema, toda a comunidade mundial vem sendo atingida. As nações tomam posição, medidas reativas são tomadas no sentido de impedir o avanço das investidas, e as células mais simples da sociedade, as pessoas humanas, são as mais atingidas.

De um lado, então, estão os ataques soberbos: de outro, aparecem manifestações de humanidade para proteger os mais afetados, com acolhimento e ajuda material, física e psicológica.

A verdade, portanto, é que, no meio de tudo isso não estão meras discordâncias ideológicas, mas pessoas reais ficando desabrigadas, famintas, mortas e órfãs.

Que tragédia!



É hora de ser humanitário: de acolher e de adotar.

É hora de acolher os refugiados, sem qualquer diferenciação, e ajudá-los a retomar o rumo e a dignidade de suas vidas. E é hora de adotar, não só os desabrigados, metaforicamente, mas, literalmente, as crianças órfãs, e transformá-las em filhas do coração, como diz nosso poema “Eles, meus pais do coração”, e criá-las com os mesmos recursos que utilizamos na educação de nossos filhos biológicos, para que não percam a fé e a esperança de que a vida vale a pena ser vivida.

Que Deus nos livre dos vírus e nos abençoe a todos!

São Paulo, 26 de março de 2022



Verônica A. da Motta Cezar-Ferreira

Advogada e psicóloga. Terapeuta individual, de casal e de família. Perita em causas judiciais de família. Mediadora e consultora psicojurídica de família.

Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da USP.

Doutora e Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP.

Formação psicanalítica e sistêmica. Integrante dos pioneiros da terapia familiar e da mediação familiar no Brasil.

Professora convidada da Fundação Arcadas – USP; da PUC; da Escola Paulista da Magistratura. Diretora Nacional de Relações Interdisciplinares da Associação de Direito de Família e das Sucessões (ADFAS).

Vice-Presidente da Associação Paulista de Terapia Familiar.

Membro do Conselho Deliberativo e Científico da Associação Brasileira de Terapia Familiar.

Membro do Conselho de Educadores da Escola de Pais do Brasil, desde 1994.

Autora do livro: Família, Separação e Mediação – uma visão psicojurídica, 4a. edição. Curitiba: Editora CRV, 2017, e de Guarda Compartilhada – uma visão psicojurídica, em coautoria com Rosa Macedo. Porto Alegre: Editora Artmed. 2016.

Coautora de várias publicações nacionais e internacionais nas áreas de Psicologia, Direito, Educação, Medicina, entre outras.

Professora de Pós-Graduação, palestrante, escritora e poeta.

